

Onde havia superego (cultural) deve advir o ego

Vincenzo Di Matteo

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: dimatteo@nlink.com.br

Resumo: Pretendo testar até que ponto o discurso ético da psicanálise pode nos auxiliar a pensar os problemas éticos de nossa contemporaneidade. Parto da analogia estabelecida por Freud entre superego individual e cultural. Segundo vários intérpretes, a função repressora do superego clássico estaria em sintonia com a moderna sociedade de produção. Incentivado pelo próprio Freud a ir além de suas análises na tentativa de descobrir o papel desempenhado pelo superego nos fenômenos de desenvolvimento cultural, perguntamos se, com a passagem para a nossa sociedade de consumo, podemos falar de um “outro” superego, com novas exigências morais, formas de punição e mal-estar. Nesse caso, o que “nosso deus Logos”, o deus compartilhado pela psicanálise, filosofia e ciência, pode nos prometer?

Palavras-chave: psicanálise; ética; superego; contemporaneidade.

Abstract: I intend to test how far the ethic speech of psychoanalysis can help us to think about the ethical problems of our contemporaneity. I start from the analogy established by Freud between individual and cultural superego. According to many interpreters, the classic superego repressor function would be syntonized with the modern society of production. Stimulated by Freud itself to go further on his analyses trying to “discover the role played by the superego on cultural development phenomenon’s”, we ask if with the transition to our consumption’s society we can talk about “another” superego with new moral exigencies, new ways of punishment, and new malaise. In this case, what “our God Logos”, the God that is shared by psychoanalysis, philosophy and science, can promise us?

Key-words: psychoanalysis; ethics; super-ego; contemporaneity.

“Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido ao passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa aos seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.”¹

As perguntas

A pergunta que nos colocamos de antemão, após essa leitura da IX Tese sobre o conceito de história de Walter Benjamim, é se, para além dessa figura fascinante e trágica, há espaço para outras, que, sem perder a sensibilidade ética do *Angelus Novus*, consigam traduzi-la num efetivo engajamento ético-político. É o que tentaremos realizar evocando os “anjos da psicanálise”, Eros e Tânatos, e invocando o que Freud chama de “nosso deus Logos” (1927, p. 69), o deus de poucas promessas compartilhado pela psicanálise, filosofia e ciência.

Além desses “anjos” já conhecidos, há o anjo da guarda secularizado que a psicanálise chama de superego, o guardião dos ideais mais elevados e exigentes de uma cultura e aquele que acompanha permanentemente o processo individual de socialização e de apropriação desses valores culturais.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud aproxima o superego individual e cultural, estabelece as semelhanças e diferenças entre eles, sugere que o segundo é mais acessível à nossa consciência do que o primeiro e nos incentiva a ir além de suas análises sobre as relações entre superego e cultura ao escrever, quase no final do livro: “Creio que a linha de pensa-

¹ Tese n. IX das Teses sobre o conceito de história (Löwy 2005, p. 87).

mento que procura descobrir nos fenômenos de desenvolvimento cultural o papel desempenhado por um superego promete ainda outras descobertas” (1930, p. 169). Nesse sentido, perguntamos: qual a função do superego em nossa atual cultura? Podemos falar de um “outro” superego cultural? Se a resposta for afirmativa, quais suas exigências morais e as novas formas de punição e mal-estar?

A essas perguntas acrescentamos uma outra: como e em que medida o “nosso deus Logos” poderia nos auxiliar a lidar com essas novas figuras de superego contemporâneo?

Objetivos

O que é visado, ao se retomar a reflexão sobre as interferências do superego cultural nos sujeitos contemporâneos, é, fundamentalmente, o problema da ética. Freud o considera “o ponto mais doloroso de toda a civilização”, mas também “uma tentativa terapêutica – como um esforço para alcançar, através de uma ordem do superego, algo até agora não conseguido por meio de quaisquer outras atividades culturais” (1930, p. 167).

A pretensão é testar até que ponto a figura de um superego repressor, construída no contexto de uma sociedade de produção, permanece em nossa sociedade de consumo. Indagar quanto a um eventual envelhecimento do quadro teórico freudiano para dar conta do mudado contexto cultural contemporâneo. Identificar eventuais outras figuras de superego que possam dar conta das novas formas de subjetividade e de mal-estar.

Explicitação dos termos-chave

Circunscrito o problema e delineados os objetivos, restaria precisar o sentido que daremos a termos como cultura, ética, moral,

modernidade, pós-modernidade, gozo, etc. Preferimos, porém, deixá-los abertos em sua polissemia, na esperança de que o risco de certa imprecisão lingüística seja minimizado ou compensado pela riqueza de ressonâncias múltiplas e diferentes que o texto possa proporcionar.

Apenas com relação aos termos ética e moral, privilegiaremos o primeiro sobre o segundo, na medida em que evoca a necessidade humana da Lei para recriar no mundo da cultura uma regularidade instituída e, dessa maneira, viabilizar a convivência humana, sem que isso implique ser fiadora dos códigos morais que se cristalizam numa determinada comunidade histórica. Nesse sentido, Freud critica o moralismo, mas não a Ética ou pelo menos certa concepção de Ética, como aparece especialmente em *O mal-estar na civilização* (ibid., pp. 167-8).

O discurso ético freudiano: do *Projeto* ao *Mal-estar*

O homem Freud não “quebra muito a cabeça em relação ao bem e ao mal”, nem parece se interessar pela ética enquanto filosofia moral, deixando-a para os “pastores de alma”.² Considera-se, porém, “um ser humano muito moral e que pode equiparar-se às melhores pessoas que conheceu”, mesmo que não encontre respostas quando se pergunta sobre as razões de sua obrigação em ser um “ser humano inteiramente decente”.³ Critica duramente o mandamento bíblico de amar ao próximo, mas confessa, numa carta a Romain Rolland, de 29.1.1926 (1973-1939, p. 420), que “sempre advogou o amor à humanidade, não por sentimentalismos ou idealismo, mas por motivos sensatos, econômicos” e que esse amor é “tão indispensável para a preservação da espécie humana quanto, por exemplo, a tecnologia”.

Essa sensibilidade ética, o fundador da psicanálise soube repassá-la para sua criatura. Não se contentou em torná-la uma mera prática clínica

² Cf. carta a Oscar Pfister de 9.10.1918, em Freud 1973-1939.

³ Cf. carta a Putnam de 8.7.1915, em Freud 1973-1939, pp. 359-60.

para aliviar o sofrimento humano, mas soube identificar e problematizar as formações socioculturais e suas incidências psicopatológicas sobre as subjetividades individuais. Advogou em nome do homem sofredor e de uma ética concreta e operatória, a ponto de escrever – no final de *O mal-estar* – que “uma mudança real nas relações dos seres humanos com a propriedade seria de muito mais ajuda do que quaisquer ordens éticas” (1930, p. 168).

Essa preocupação com o tema da ética já se encontra no *Projeto*, onde nos deparamos com uma breve afirmação que, de uma maneira direta ou indireta, será retomada várias vezes nos escritos em que aborda questões ético-morais: “[...] o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (1895, p. 422; os itálicos são do autor).

Essa primeira intuição vai se articulando desde o começo com a clínica, as construções metapsicológicas e os textos culturais, encontrando no famoso texto de 1930 – *O mal-estar na civilização* – a retomada mais abrangente. A problemática ético-cultural é perpassada pela pergunta a respeito das causas que determinam nosso descontentamento e infelicidade na civilização. A resposta é fornecida recorrendo a um quadro teórico em que Eros, Tânatos, Superego e Sentimento inconsciente de culpa assumem um papel de destaque.

O mal-estar, antes de tudo, decorreria das proibições da cultura ao incesto, à sexualidade polimorfa e perversa e das restrições à própria sexualidade genital heterossexual, de fato mais tolerada do que permitida. A descrição desse conflito e sua difícil superação entre um Eros individual, mais preocupado com o prazer e a felicidade de cada um, e um Eros coletivo, que visa mais à criação de uma unidade, é retomado no último capítulo de *O mal-estar na civilização*.

É nesse contexto que Freud estabelece uma interessante analogia entre o desenvolvimento individual e o civilizatório, o superego individual e o cultural, uma terapêutica individual e a de determinadas comunidades culturais.

Registra, inicialmente, “sem muita hesitação”, a “similaridade” existente entre o processo de socialização de cada um e aquele que visa à criação de um grupo unificado com base em muitos indivíduos. Assinala, igualmente – “em vista de sua excepcional importância” –, a distinção entre os dois processos marcados por uma “premência mais egoísta” no caso individual, mais “altruísta” naquele da comunidade. “Amplia”, enfim, a analogia, cedendo em parte “à tarefa tentadora” de mostrar que também a comunidade desenvolve um superego cultural de maneira semelhante à origem e ao desenvolvimento do superego individual.

Ambos se formam pela identificação com figuras fortes – o pai, no caso individual, “grandes líderes” ou “homens de esmagadora força de espírito”, no caso cultural – e estabelecem exigências, ideais e punições, evidenciando a agressividade do superego. Os dois superegos, o individual e o cultural, estão de tal maneira sempre interligados que as exigências habitualmente inconscientes do superego individual, quando trazidas à consciência, “coincidem com os preceitos do superego cultural predominante” (1930, p. 167).

As tensões nessa área erótica são reais, mas não parecem totalmente intransponíveis. Afinal,

[...] trata-se de uma luta dentro da economia da libido, comparável àquela referente à distribuição entre o ego e os objetos, admitindo uma acomodação final no indivíduo, tal como, pode-se esperar, também o fará no futuro da civilização, por mais que atualmente essa civilização possa oprimir a vida do indivíduo. (Ibid., p. 166)

Conforme a bonita imagem do planeta que gira em torno de si mesmo e na órbita de uma estrela, não é impossível sonhar com certa harmonização entre as exigências individuais de felicidade-prazer e aquelas sociais, de organização-eficiência, mesmo que o individual e o coletivo devam disputar, mútua e permanentemente, “a posse do terreno”.

Com a introdução (a partir do cap. V) do mandamento “absurdo” de amar o próximo, irrompe o irracional da agressividade e da destrutividade. A pulsão de morte, “original e auto-subsistente” (ibid., p. 144),

ameaça irremediavelmente a possibilidade de felicidade dentro da cultura. O mal-estar é o preço que é necessário pagar para que a civilização se torne possível e se desenvolva. Decorre de um sentimento de culpa inconsciente, filho de nossa agressividade, que a cultura, pelo superego cultural, consigne colocar a serviço de Eros, devolvendo-a contra o próprio indivíduo.

Na seqüência das analogias entre o individual e o coletivo, chega a sugerir que seja possível diagnosticar e caracterizar de “neuróticas” “algumas civilizações ou algumas épocas da civilização”, bem como elaborar, apesar das dificuldades, “uma patologia das comunidades culturais” e propor recomendações terapêuticas, diminuindo a rigidez do superego cultural e, conseqüentemente, abrandando as exigências éticas para torná-las mais compatíveis com a realidade do psiquismo humano. Tanto o superego individual quanto o cultural, ao desconsiderarem a força do id, as dificuldades do mundo externo e os limitados poderes do ego, podem levar a três saídas, todas igualmente insatisfatórias: a revolta, a neurose, a infelicidade. Segundo as palavras textuais de Freud: “Caso se exija mais de um homem, produzir-se-á nele uma revolta ou uma neurose, ou se tornará infeliz” (ibid., p. 168).

Superego freudiano e paradigma edipiano

Segundo Freud, portanto, o mundo psíquico individual e o mundo cultural compartilhado podem ser explicados por esta intuição fundamental: a socialização do indivíduo e o desenvolvimento da cultura somente são possíveis por um movimento de repressão e represamento, por parte do superego, das pulsões erótico-agressivas.

O arcabouço teórico mais amplo que sustenta essa explicação do mundo individual e do cultural (moral, religião, arte) é o famoso complexo de Édipo, em que o amor e o ódio para com as figuras parentais são vivenciados individualmente na fantasia inconsciente, como reatualização de um Édipo efetivamente consumado no início da sociedade humana.

O superego é o herdeiro desse Édipo individual e coletivo. Enraíza-se no intransponível desamparo infantil. Passa pelo conflito entre desejos incestuosos – parricidas por parte da criança e medo da castração. É superado pela identificação com a instância parental. Instala-se no interior do psiquismo com suas exigências éticas (ideal do ego) e necessidade de punição.

A identificação com o próprio pai, tomado como modelo, tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação – nos diz Freud –, o que acarreta uma des fusão pulsional entre o componente erótico e agressivo. Dessa maneira, a sublimação não consegue mais combinar os dois componentes e a agressividade é “liberada sob forma de uma inclinação à agressão e à destruição. Essa des fusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal – o seu ditatorial ‘farás’” (1923, p. 71).

Assim, o olho de Deus que tudo vê, julga e condena se secularizou, assumindo o nome de superego individual e cultural que nos “assujeita” de tal forma a ponto de comprometer nossa saúde física e psíquica. O preço que pagamos pelo “avanço” civilizatório responde pelo nome de neurose e sentimento inconsciente de culpa (Freud 1930, p. 158).

Superego repressor e sociedade de produção

Não passou despercebido, especialmente à Escola de Frankfurt, a íntima relação existente entre essa figura repressora de superego e o capitalismo industrial da sociedade de produção, que nasceu e se desenvolveu com a Modernidade. Ambos exigem uma renúncia ao gozo espontâneo da vida e dos bens. Já Hegel o tinha percebido quando, na famosa figura do Senhor e do Escravo, contrapõe ao desejo do Senhor, que simplesmente nega o objeto pelo gozo imediato, o “desejo refreado, reprimido”, o “desaparecimento retardado do objeto” no caso da consciência trabalhadora (2002, p. 150).

Mais próximos de nós, Max Weber mostrou como a lógica do capitalismo se alimentava de uma internalização psíquica como a ética protestante do trabalho, ao exigir a renúncia ao gozo dos bens e possibilitar, dessa maneira, a acumulação do capital.

Segundo essas leituras, é possível pensar o superego freudiano em sintonia com a sociedade de produção. Sem invocar um determinismo rígido que reduziria a superestrutura (no nosso caso, a teoria freudiana da cultura) à sua infra-estrutura econômica (sociedade de produção), é inegável que o discurso ético-cultural de Freud é filho da Modernidade e o mal-estar que descreve é, em boa medida, o mal-estar da e na Modernidade (Rouanet 1993, pp. 96-119).

A psicanálise, afinal, é um fenômeno moderno, urbano, próprio das sociedades industrializadas, laicas, republicanas, democráticas, constituídas de indivíduos anônimos, solitários, com vínculos sociais e familiares menos intensos, órfãos de pai e mãe simbólicos, sem que pudessem garantir uma verdade universal.⁴

“Tudo o que sólido derrete-se no ar”, escreviam Marx e Engels nas primeiras páginas do *Manifesto comunista*, ao descreverem o vendaval revolucionário que foi a burguesia (1998, p. 14). Derreter os sólidos, no caso específico, era o passado, especialmente a tradição, a religião, atrasos culturais que dificultavam o avanço da razão no campo da ciência, da vida política e social, e da economia. Daí, também, a crítica freudiana da religião e de todas as ilusões nascidas da demanda de amor e da nostalgia de um pai, bem como aquela dirigida à cultura em geral por não ter se livrado de figuras sociais que alimentam um superego com suas exigências excessivas de repressão pulsional.

⁴ Sobre as relações entre Psicanálise e Modernidade, especialmente numa perspectiva ética, remeto o leitor ao livro de Maria Rita Kehl, *Sobre ética e psicanálise*, em Kehl 2002.

As mudanças culturais

Não vamos entrar na discussão da continuidade e/ou descontinuidade entre Modernidade e nossa contemporaneidade, que está sendo chamada de “pós-modernidade”, “modernidade líquida”, “modernidade fraca”, “segunda modernidade”, “modernização da modernidade”, “sobre-modernidade” (Bauman 2001). O que está sendo flexibilizado, derretido, desregulamentado, hoje, são instituições, normas, laços sociais, afetivos (Bauman e Medeiros 2004), instituições que continuam a existir, mas extremamente enfraquecidas, quase mortas, tais como a família tradicional, a classe, o sindicato, ideologias, partidos políticos e até Estados e nações (Bauman 1998).

No campo da economia, especificamente, com a segunda revolução industrial pela introdução dos computadores e das máquinas automática no mundo do trabalho, houve um aumento significativo da produção sem que isso implicasse um envolvimento direto e crescente dos sujeitos nesse processo de produção. O capital se desatrelou do trabalho humano de massa, tornou-se extraterritorial e ganhou o anonimato e a velocidade do sinal eletrônico. A força de trabalho, alocada no setor secundário na sociedade de produção, foi forçada a se deslocar para o setor terciário, voltado mais para o consumo e a criação de estratégias para viabilizá-lo – venda, publicidade, *marketing* – ou foi sugada pelo buraco negro de um desemprego estrutural praticamente irreversível.

Uma conjugação de fatores, tecnológicos, econômicos, políticos e culturais, alteraram substancialmente o quadro cultural descrito por Freud, a ponto de se falar de um envelhecimento da psicanálise.

Um envelhecimento da psicanálise?

A psicanálise freudiana estaria envelhecendo porque teria pensado o indivíduo e seu mal-estar dentro de uma sociedade monogâmica e de capitalismo industrial, quando a socialização do indivíduo se dava

dentro do núcleo familiar, onde a figura do pai representava o princípio de realidade. Com as mudanças sociais (sociedade de massa) e econômicas (sociedade de consumo), a socialização passou a se dar prevalentemente fora da família tradicional. Dessa maneira, o enfraquecimento da família nuclear e, dentro dela, o declínio da figura do pai teriam abalado as bases da teoria psicanalítica do superego como herdeiro do complexo de Édipo (Marcuse 1970, pp. 79-105).

Estariam, de fato, ultrapassadas as teses freudianas? O rigoroso e repressor superego teria cedido lugar a um outro, mais liberal, mais fraco, menos exigente, menos culpabilizador, mais “materno”, mais “feminino”? O próprio Freud chega a falar de um superego menos rígido nas mulheres. Este estaria situado num “nível diferente daquilo que é eticamente normal”, dotado de menor “senso de justiça”, “nunca tão inexorável, impessoal, independente de suas origens emocionais como exigimos dos homens” (1925, p. 320). Devido à maneira diferente de as meninas lidarem com a castração, permanecem no Édipo por um tempo indeterminado, destroem-no tardiamente e, mesmo assim, de modo incompleto. Dessa maneira, o superego sofre um “prejuízo”: “não consegue atingir a intensidade e a independência as quais lhe conferem sua importância cultural” (1933b, p. 159), mostrando-se “mais débil com relação aos interesses sociais” e “menos capaz de sublimação” (ibid., p. 164).⁵ Assim, também ao descrever a sociedade americana, afirma – no rascunho do pós-escrito à questão da análise leiga – parecer-lhe “o superego americano menos severo em relação ao eu quando se trata daquilo que diz respeito ao lucro”.⁶

Descontado o provável ranço machista de Freud com relação às mulheres e o narcisismo das pequenas diferenças de que deu mostra

⁵ Sobre a tentativa de compreender o superego contemporâneo com base na concepção freudiana das características do superego feminino, veja Claudia Amorim Garcia em “Mutações do superego” (Garcia 2000). Disponível em <http://www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/mag/archives/paris2000/texte206.html>. Acesso em 15.10.2005.

⁶ Em seu artigo, com o título de “Cultivar o mal-estar ou civilizar a cultura?” (Le Rider et al. 2002, p. 53), Le Rider retira essa informação do livro de Grubrich-Simitis 1997, p. 220.

com relação aos americanos, o fato de falar em mais de uma figura de superego (masculino-feminino; europeu-americano) nos autoriza a levantar a seguinte pergunta: há um superego cultural na nossa sociedade de consumo que é diferente daquele descrito por Freud no contexto de uma sociedade de produção?

Superego pós-moderno

Essas mudanças sociais, econômicas e culturais, com necessários reflexos no psiquismo humano, não passaram despercebidas a filósofos, sociólogos e psicanalistas, mas com enfoques diferentes.

A Escola de Frankfurt, por exemplo, serviu-se do conceito de “dessublimação repressiva” para mostrar como as moções pulsionais dos indivíduos, divididos entre princípio de prazer e princípio de realidade, não são nem podem ser mediadas pelo eu. É a sociedade que agora administra a satisfação na medida em que a própria sexualidade sai da esfera privada e entra no campo dos negócios e do entretenimento. O controle sobre a sexualidade e o corpo não precisa mais se dar pela repressão, e sim pela incitação e estimulação. O superego cultural não diz mais, com Nelson Rodriguez, “toda nudez será castigada”. Podemos ficar nus, desde que magros, bonitos e bronzeados (Foucault 1986, p. 147).

Entre os psicanalistas, quem mais percebeu, talvez, essas mudanças culturais e suas incidências na esfera psíquica dos sujeitos foi J. Lacan, não apenas por ter detectado “o declínio social da imago paterna”, mas também por ter identificado as novas figuras sociais de superego numa sociedade de consumo. Essa mudança cultural não comportou, necessariamente, um abrandamento do superego. Ao contrário, as figuras fantasmáticas, os tipos ideais que o sucederam, aproximavam-se do protótipo do pai da horda primitiva: o pai como o senhor do gozo com acesso à satisfação imediata. Se isso for verdade, o superego individual vai se formando não com base na identificação com a figura de um pai

repressor, mas com o pai mítico com direito ao gozo puro, incondicional, sem castração. Conseqüentemente, o processo de socialização se dá por mecanismos que exigem menos repressão e mais satisfação irrestrita das pulsões. O superego repressor freudiano cedeu lugar, em nossa contemporaneidade, a um novo tipo de superego que, sem deixar de ser uma “figura obscena e feroz” (Lacan 1988, p. 16), agora ordena: “goza”.⁷

Uma confrontação

As diferenças entre a sociedade de produção e de consumo parecem, portanto, obedecer a dois paradigmas éticos. Enquanto a primeira se alimentava de uma ética do trabalho de tipo calvinista, para poupança e acumulação de capital, a segunda exige uma ética do direito imediato ao gozo, possibilitado e facilitado pelos grandes supermercados de bens materiais e simbólicos à disposição. A necessidade de poupar (desejo re-freado) para, em seguida, ter acesso à disponibilidade dos bens, cede lugar à facilidade do cartão de crédito, que, teoricamente, pode proporcionar imediatamente a satisfação de nossos desejos. À repressão ou ao adiamento do gozo dos bens, segue-se uma incitação agressiva e permanente ao gozo imediato deles.

Se isso for verdade, a figura clássica de um superego repressor não interessa mais a essa nova sociedade, cuja lógica ou novo imperativo categórico a ser introjetado não é mais: “É proibido”, mas “É proibido proibir”. Não mais “renuncie”, mas “consume e goze”. Passaríamos de uma ética do não ao gozo para outra do sim a ele. De uma moral libidinal restrita apenas a algumas formas canônicas de satisfação a uma moral mais aberta, infinitamente plástica para atender às exigências da sociedade de consumo. De um superego prescritivo que determina o conteúdo da

⁷ Cf. Lacan 1985, p. 11. Sobre a inversão lacaniana do superego, remeto o leitor ao artigo de Vladimir Safatle “Depois da culpabilidade: figuras de superego na sociedade de consumo”, em Safatle 2005, pp. 119-40.

moralidade, discriminando o que é lícito e permitido do que é terminantemente proibido, para um superego cujo único imperativo categórico é a intimação a gozar, sem determinar os objetos privilegiados, permitidos e adequados, nem as formas de gozar. De uma moralidade, cuja satisfação era socialmente administrada, para uma outra, de insatisfação administrada. Visto que nenhum objeto pode deter o desejo, é necessário substituí-lo, torná-lo obsoleto, provisório, consumível e descartável.

Conseqüências

Se essas análises têm certa pertinência, não podemos ignorar os efeitos, as reverberações, as incidências, no mínimo problemáticas, sobre as subjetividades individuais, sem que isso implique imolar no altar de uma modernidade nostálgica aspectos positivos e ganhos culturais que acompanharam as mudanças ocorridas nas últimas décadas.

Nosso superego cultural já não se estrutura com base em personalidades fortes e grandes homens, portadores de ideais éticos ancorados em figuras de Absoluto – ou sombras de absoluto – como Natureza, Deus, Reis, Papas, Povo, Nação, Partidos, Ideologias fortes, fiadoras de um agir ético pessoal e comunitário. Essas figuras não desapareceram, mas hoje devem repartir o espaço com outras, mais voláteis, descartáveis, sintonizadas com uma economia de mercado globalizado que disponibiliza continuamente uma multiplicidade de identificações e estilos de vida para mediar nosso processo de subjetivação e socialização. De um lado, ganhamos mais liberdade por passarmos de grupos de referência restritos para os de comparação global. Por outro, somos responsabilizados e intimados a nos inventar, a criar e recriar, “subjetivarmos”, “construirmos”, “desconstruirmos”, “flexibilizarmos”, sermos uma metamorfose ambulante, desnorreados diante de tantos modelos identificatórios que parecem se equivaler e dificultar ou banalizar nossa escolha.

Teríamos nos libertado do superego repressor e culpabilizador por outro, mais tolerante e permissivo? É provável, mas é cedo para avaliar o impacto sobre o bem-estar e mal-estar dos sujeitos e das comunidades. Talvez não sejamos mais uma cultura neurótica, mas corremos o risco de nos tornar uma cultura perversa, porque, se Deus morreu e o Sumo Bem já não mais existem, nem por isso tudo nos é permitido. A satisfação ir-restrita das pulsões implica o sofrimento do outro. Um sofrimento, uma exclusão, um mal-estar que nossa sociedade de consumo e da comunicação global nos oferece como espetáculo diariamente, mobilizando talvez uma indignação emocional, mas sem mostrar como aquele mundo de “consumidores e excluídos”, “arrivistas e parias”, “turistas e vagabundos” (cf. Bauman 1998) pode estar perversamente conectado com o bem-estar e gozo do próprio telespectador (cf. Sontag 2003).

De fato, a produção de “refugo humano” ou, mais propriamente, de seres humanos refugados, os excedentes e redundantes – escreve Zygmunt Bauman em *Vidas desperdiçadas*, seu mais recente livro publicado no Brasil –, é um “produto inevitável da modernização”, um “acompanhante inseparável” da modernidade, um “inescapável efeito colateral da construção da ordem, do progresso econômico, da globalização” (Bauman 2005).

Sintetizando e simplificando, poderíamos afirmar que se, na época retratada por Freud, o sujeito sofria “por ter trocado uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (1930, p. 137), na contemporaneidade, a pretensa liberdade conquistada é paga com insegurança e abandono. O deus pós-moderno devia ser feliz, mas – paradoxalmente –, como o deus de prótese descrito por Freud (ibid., p. 111), é também um deus infeliz e sua infelicidade atende pelo nome de *toxicomanias, síndrome do pânico* (Birman 1999, p. 178), distúrbios na imagem corporal (bulimia, anorexia, exercícios físicos compulsivos), necessidade compulsiva das diversas adições (medicamentos, sexo, consumo), comportamentos agressivos, anti-sociais, ostensivamente violentos e, talvez, especialmente, responde pelo nome de *ansiedade, angústia, depressões*.

Para os que se consideram saudáveis ou vencedores, resta o *confortismo*, uma mistura de conformismo com aspiração a conforto burguês recheado de impotência, ceticismo e boa dose de cinismo.

O deus Logos

No lugar vazio deixado pela morte dos deuses da ilusão, Freud coloca o deus Logos, o único que nos pode oferecer um “apoio seguro”, “um certo conhecimento da realidade do mundo, conhecimento através do qual podemos aumentar nosso poder e de acordo com o qual podemos organizar nossa vida” (1927, p. 69).

O prognóstico para nosso mal-estar contemporâneo, portanto, será o resultado das contribuições de todos aqueles que ainda não perderam a fé nesse deus. Quanto àquelas da psicanálise, podemos, talvez, identificá-las nas seguintes palavras de Marcuse:

Se o desenvolvimento e a política da sociedade industrial fizeram caducar o modelo freudiano do indivíduo e das suas relações com a sociedade e, se tornaram o indivíduo menos apto a desprender-se dos outros, a converter-se em e a permanecer um ego, os conceitos freudianos evocam não só o passado superado, mas também um futuro que é preciso reconquistar. (1970, p. 104)

Tarefa, por sinal, já apontada por Freud na carta a Romain Rolland de 19.1.1930: “A psicanálise” – escreveu – “também tem sua escala de valores”, mesmo sendo “seu único objetivo... a harmonia enaltecida do Ego, que se espera que consiga ser o intermediário entre as exigências da vida instintiva [pulsional] (o “Id”) e as do mundo exterior, entre, portanto, a realidade interna e externa” (1973-1939, pp. 456-7).

Isso não implica, necessariamente, que a psicanálise seja uma apologia de um sujeito individualista que acredita poder construir-se sozinho numa certa solidão heróica. Apenas relembra que, diante da situação de desamparo, resta ao sujeito se responsabilizar pelos destinos

de suas pulsões, os quais podem não ser apenas a neurose, a psicose ou a perversão. Resta o caminho da linguagem, para desmascarar os novos “tirânicos senhores” aos quais deveríamos servir, e da sublimação, com seus caminhos criativos e que passam necessariamente pelo outro.

Parafrazeando a célebre frase – “onde havia id deve advir o ego” –, com a qual encerra a XXXI de suas *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (Freud 1933a, p. 102), poderia complementar a proposta ética freudiana para fazer frente à ferocidade do superego individual e cultural na seguinte proposição: *onde havia superego deve advir o ego*. Uma proposta certamente da modernidade filosófica, sem, porém, as garantias de uma vitória de Eros sobre Tântatos.

Freud, propositalmente, não se apresentou como um profeta portador de um novo decálogo. Foi um pensador que nos força a pensar e, quem sabe, a não perder a esperança nos anjos novos ou no deus Logos, ou qualquer outro nome com o qual se queira caracterizar esse esforço nosso, mas sobre-humano, de construir um mundo pessoal e comunitário, se não feliz, menos sofrido. Não é uma esperança de natureza religiosa, nem uma certeza teleológica de caráter filosófico. Trata-se de uma aposta na “razoabilidade” humana, sem garantias de final feliz.

Referências

- Bauman, Zygmunt 1998: *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ____ 2001: *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ____ 2005: *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Bauman, Zygmunt e Medeiros, Carlos Alberto 2004: *Amor líquido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Birman, Joel 1999: *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

- Foucault, Michel 1986: "Poder – Corpo". In: *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro, Graal.
- Freud, Sigmund 1895: "Projeto para uma psicologia científica". In: Freud 1976, v. I.
- ____ 1908: "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna". In: Freud 1976, v. IX.
- ____ 1913: "*Totem e tabu* e outros trabalhos". In: Freud 1976, v. XIII.
- ____ 1921: "Psicologia das massas e análise do ego". In: Freud 1976, v. XVIII.
- ____ 1923: "O ego e o id". In: Freud 1976, v. XIX.
- ____ 1925: "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". In: Freud 1976, v. XIX.
- ____ 1927: "O futuro de uma ilusão". In: Freud 1976, v. XXI.
- ____ 1930: "O mal-estar na civilização". In: Freud 1976, v. XXI.
- ____ 1933a: "A dissecação da personalidade psíquica". In: Freud 1976, v. XXII.
- ____ 1933b: "Feminilidade". In: Freud 1976, v. XXII.
- ____ 1973-1939: *Correspondência de amor e outras cartas, 1973-1939*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- ____ 1976: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago.
- Garcia, Claudia Amorim 2000: "Mutações do superego". Disponível em <http://www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/mag/archives/paris2000/texte206.html>. Acesso em 15.10.2005.
- Grubrich-Simitis, Ilse 1997 : *Freud: retour aux manuscrits*. Paris, PUF.
- Hegel, Georg W. F. 2002: *Fenomenologia do espírito*. 7. ed. Petrópolis, Vozes.
- Kehl, Maria Rita (org.) 2000: *Função fraterna*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- ____ 2002: *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Lacan, Jacques 1985: *O seminário: Livro XX: mais ainda*. 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

- Lacan, Jacques 1988: *Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Le Rider, Jacques et al. 2002: *Em torno de O mal-estar na cultura, de Freud*. São Paulo, Escuta.
- Löwy, Michel 2005: *Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses sobre o conceito de história*. São Paulo, Boitempo.
- Marcuse, Herbert 1970: “O envelhecimento da psicanálise”. In: Reich, Wilhelm et al. 1970: *Psicanálise e sociedade*. Lisboa, Presença.
- Marx, Karl e Engels, Friedrich 1998: *O manifesto comunista*. 8. ed. São Paulo, Paz e Terra.
- Rouanet, Sérgio Paulo 1993: “Mal-estar na modernidade”. In: *Mal-estar na modernidade: ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras.
- _____ 2003: “O impacto da psicanálise na cultura e da cultura na psicanálise”. In: *Interrogações*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Safatle, Vladimir 2005: “Depois da culpabilidade: figuras de superego na sociedade de consumo”. In: Žižek, Slavoj et al. 2005: *Žižek crítico: psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo, Hacker, pp. 119-40.
- Suntag, Susan 2003: *Diante da dor dos outros*. São Paulo, Companhia das Letras.